

IMAGENS, MÁSCARAS E MITOS - “O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA NO TEMPO DE MACHADO DE ASSIS”¹

Mailde Jeronimo TRÍPOLI

RESUMO *O tratamento dado ao escravo na literatura brasileira, do século passado, é semelhante ao da literatura européia e norte-americana. Com feição estereotipada, a personagem negra, com freqüência, encarna um tipo. Obviamente há exceções. A presença do escravo na obra de Machado de Assis é um ponto controverso. Machado é apontado como alguém que, para ascender socialmente, omitiu-se na luta dos escravos, não os incluindo em sua obra. A dissertação inicia-se com uma retrospectiva da história da escravidão e reflexão sobre racismo e preconceito. Em seguida, analisa História de Quilombola, de Bernardo Guimarães; As Vítimas Algozes, de J. Manuel de Macedo e, Mota Coqueiro, de José do Patrocínio. O quarto capítulo é dedicado a Machado de Assis. A conclusão contraria a afirmação de absenteísmo e confirma que na obra do escritor a personagem negra, nos moldes da ideologia escravista, não existe. O negro, em suas obras, tem estatuto de sujeito. A preocupação do escritor era com o homem e a sua interioridade psicológica e moral. O escravo é, antes, um ser humano; e assim era visto e retratado pelo escritor. Machado construiu sua história escrevendo histórias, fez de sua experiência de vida o instrumento e a matéria para sua criação.*

SUMMARY *The way slaves were treated in Brazilian literature of last century is similar to that of European and North-American literature. According to stereotypical features, they were generally pictured not individually, but as a collectivity. There were, obviously, a certain number of exceptions. The presence of slaves in Machado de Assis' work is a controversial point. The writer is pointed out as someone who, in order to be promoted socially, denied his own race and neglected the slaves' fight for freedom in his books. Its starting point will be a short history of slavery, followed by the presentation of a few features of racism and prejudice. The chapter Olhares e Ponto de Vista presents an analysis of three novels that shall lead us, subsequently, into Machado's creation. Historia de Quilombola, by Bernardo Guimarães; As vítimas Algozes, de J. Manuel de Macedo e, Mota Coqueiro, de Jose do Patrocinio . Chapter*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, em 13 de outubro de 1997, sob a orientação da Profa. Dra. Suzi F. Sperber.

four will bring us back to Machado de Assis. The conclusion questions the systematic assertion of absenteeism and, most of all, confirms that in his creation black characters as moulded by the ideology of slavery do not exist. The black person in Machado de Assis' work, is given the status of a main-role actor. The author's preoccupation is with man and his psychological and moral inner identity. Notwithstanding his servile condition, a slave is a human being, and so was he seen and pictured by the author. Machado built up his own story by writing stories. He made his life experience an instrument and material for his creation.

“A paisagem depende do ponto de Vista;
o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão.”
Machado de Assis

Em *Imagens máscaras e mitos*, procuramos nos aprofundar no estudo da personagem negra na literatura brasileira, com especial enfoque na obra de Machado de Assis. Não se trata apenas de um inventário para contrapor às freqüentes afirmativas de que Machado de Assis não tratou do negro, mas de trazer à tona, na medida do possível, esse aspecto da obra do escritor geralmente negada ou ignorada.

Para chegarmos a isso e, até mesmo, para melhor entendermos aos outros escritores com que também trabalhamos, fez-se necessário uma retrospectiva histórica da escravidão no Brasil. É o que temos no capítulo *Pelo Bosque das Histórias*.

A Escravidão foi um fenômeno histórico que não começou no Novo Mundo, mas aqui floresceu como planta em solo fértil. No Brasil, o regime escravocrata começa quase imediatamente após a descoberta; não com os escravos africanos, com que o sistema irá se firmar mais tarde, mas com os índios nativos da terra. Em princípio, o trabalho era conseguido de forma “amigável”, através do escambo. Quando isto não mais funciona, os índios passam a ser caçados, aprisionados e forçados a trabalhar na lavoura e nos primeiros engenhos. Embora a escravidão indígena tenha persistido por muitos anos, ela não foi considerada suficiente para satisfazer as necessidades da colônia. As razões foram diversas. Entre elas, a ocorrência de surtos epidêmicos e a destruição progressiva que estancaram pouco a pouco os meios de reprodução dos grupos tribais, inviabilizando o necessário suprimento de mão-de-obra. Além disso, os índios, habituados à liberdade, estavam em seu meio natural, no qual podiam locomover-se com muito mais facilidade que os brancos, dificultando a estes a captura de novas presas ou a recuperação dos fugitivos.

As expectativas voltam-se, então, para a escravidão da raça negra que, em Portugal, já era fato consumado desde 1441. Aliás, os principais países da Europa (Inglaterra, França, Espanha, Holanda e Portugal) não só a autorizavam e sancionavam, mas dela usufruíam os lucros. Assim, começa a história do africano no Brasil, designado pelo termo “negro” que, aliás, era sinônimo de escravo. Mesmo os índios, quando escravizados, eram denominados “negros da terra.”²

² Sobre o assunto ver a tese de CASTRO, Hebe M. da C. Mattos G. de. *A Cor Inexistente: Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista (Século XIX)*. Niterói: Univ. Federal Fluminense, 1993 - 354

No Brasil, do século XVI ao XVIII, a ideologia escravista evoluiu tanto nos seus aspectos coercivos quanto nos argumentos justificantes, auxiliados pelas idéias vindas da Europa. No princípio eram suficientes os argumentos religiosos e civilizatórios para justificar o aviltante procedimento da escravização de seres humanos. Mas com a ocorrência das ameaças e manifestações, cada vez mais veementes, contrárias ao sistema, os escravocratas reagem com o auxílio da Ciência. É o preconceito legitimado e justificado graças ao discurso científico.

As teorias raciais e crenças etnocêntricas apregoavam uma hierarquia etnográfica na qual o negro ocupava o último grau da escala social. Assim, ainda que elemento integrante (juntamente com o branco e o índio) da civilização brasileira, era marginalizado. Na literatura, o escravo não foi omitido mas sua voz e ação, muitas vezes, foram tolhidas, distorcidas ou mascaradas. Sua presença, em geral, se dava por tipos: o moleque, a mucama, o bandido quilombola, o velho e submisso pai João. O indivíduo representando o coletivo. Estereotipada, a imagem do negro passa de dócil, infantil, fiel, subjugada a violenta, feroz, vingativa, demoníaca, entre outras, em virtude dos interesses do momento e do contexto em que é inserido o estereótipo. Obviamente há exceções, mas no geral, ele não era o senhor da enunciação, falava-se por ele.

A participação histórica do autor, enquanto cidadão e sujeito do meio no qual escreve, é, na maioria das vezes, perceptível em sua obra. No caso da escravidão, por exemplo, mesmo sem ser biográfica, a obra nos oferece indícios dedutíveis de seu posicionamento em relação à ideologia vigente, se ele é um escravocrata ou abolicionista, por exemplo, com suas nuances e combinações possíveis. Naturalmente, não estamos nos referindo ao “eu” ficcional e sim ao posicionamento que assume o autor empírico, por exemplo, com relação às diferentes manifestações de valores estéticos, morais e culturais.

Para melhor compreensão do posicionamento do autor com respeito ao negro, trabalhamos com uma noção de identidade emprestada de Paul Ricoeur. O qual busca esclarecer a ambigüidade semântica que existe na noção de identidade: duas significações diferentes que se sobrepõem: “*idem*” (mesmidade) e “*ipse*” (ipseidade). A primeira, no sentido de semelhante. Seu contrário seria o diferente, mutável. No sentido de *ipse*, *idêntico*, um *si mesmo*. “*Un individu est identique à soi-même*”.³ O que entendemos aqui é que a identidade definida pela mesmidade passa pelo viés do olhar do outro. O semelhante não é o próprio, é o diferente. A identidade *ipseidade* caracteriza o sujeito da linguagem e do domínio da ação, a partir da perspectiva do próprio sujeito. É o próprio.

A identidade do negro, enquanto personagem literária, passava quase que somente pela *mesmidade*, posto não ser senhor da enunciação. O discurso a seu respeito variava (e ainda acontece assim) conforme o posicionamento de quem escrevia: o escravocrata o apresentava como um beneficiado da “civilização” à qual fora trazido, livrando-se da escravidão cruel em sua própria terra e tendo sua alma salva, ao tomar conhecimento do

Ver também MONTEIRO, John. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

³ Ricoeur. Paul. *L'Identité Narrative*.

Deus verdadeiro. A condição escrava era o *preço* que o escravizado estaria pagando pela civilidade que recebia.

O discurso abolicionista ocorria em duas vertentes: o humanitário, que descreve o escravo como um sujeito explorado, sofrido, maltratado, digno e merecedor de reabilitação da condição humana e jurídica de sujeito; outro, o positivista, evolucionista, que vê na escravidão, conforme as idéias correntes de modernidade, o atraso e a impossibilidade de desenvolvimento do país. Neste caso, o escravo era o incapaz, o relutante, o preguiçoso, o de vida desordenada, cujo contato contaminava e degenerava.

Nesses discursos, a classificação não é estanque. Textos qualificados em uma das duas categorias, às vezes, trazem em seu interior pequenos deslizes do autor, que denunciam um posicionamento diferente do anunciado ou proposto. Isto está melhor desenvolvido e analisado em “*Romances Antiescravistas e Estereótipos*”, “*Escritor Abolicionista, Romance Nem Tanto*” e “*História de Um Quilombola*.”

As *Vítimas Algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, analisado no terceiro capítulo, é um bom exemplo do exposto: embora se apresente como um libelo contra a escravidão, seu discurso é, ao mesmo tempo, antinegro. O autor propõe-se a demonstrar o quanto a escravidão é danosa e com isso convencer sobre a necessidade de abolí-la. Em meio a recursos melodramáticos, folhetinescos e cenários familiares, o autor tece sua trama com dois fios multicoloridos: o medo e a desconfiança. O ingrediente utilizado para fundamentar sua tese é uma descrição negativa do escravo, demonstrada pela ação das personagens negras em *Simeão, O Crioulo; Lucinda, a Mucama e, Pai Raiol, O Feiticeiro*. Um caráter traiçoeiro, dissimulado, imoral e vingativo do escravo é colocado em oposição ao espírito benevolente, humano e caridoso do senhor, vítima da maldade inerente e decorrente da escravidão.

Ao criar uma imagem do negro escravizado, baseando-se na concepção ideológica senhorial, o autor do discurso também cria, de certa forma, uma imagem de si. Em oposição à selvageria, à indolência, à submissão, à promiscuidade, ele é a civilidade, a moral, a atividade, o domínio, a posse, a superioridade... ele é o que o outro não é. Sem se dar conta, talvez, de que nesta construção, ausentando-se o outro, a sua tão bem construída imagem deixa de existir.

No Brasil, como na Europa e Estados Unidos, uma maneira de apontar a inferioridade do negro era compará-lo a crianças ou pretendê-lo possuidor de afinidade com o mundo animal.

O tema da animalidade relacionada aos negros não se limita às obras científicas e aos discursos escravocratas. A literatura faz largo uso dele, bem como dos demais estereótipos sugeridos pela “nova ciência”. No livro infantil *Le Robinson des sables du desert*, publicado na França, em 1837, o herói, tendo diante de si alguns africanos, faz o seguinte comentário: “... as figuras destes últimos pareceram-me hediondas; eu não os teria olhado senão como macacos da mais vil espécie se seus corpos, que nenhuma roupa esconde, não tivessem a forma humana.”⁴ Bernardo Guimarães, o autor de *A Escrava Isaura*, revela conhecimento de tais idéias ao incluir, no seu romance, a

⁴ MIRVAL, C.H. de. *Le Robinson des sables du désert, ou un voyage d'un jeune naufragé sur les côtes et dans l'intérieur de l'Afrique*. Paris, 1837. apud. Cohen. Op. Cit.

seguinte citação: “A testa é desmesuradamente ampla e estofada de enormes protuberâncias, o que na opinião de Lavater é indício de espírito lerdo e acanhamento a roçar pela estupidez.”⁵

Obviamente, não apenas Guimarães mas muitos de nossos outros escritores assimilaram tais idéias. O essencial, aqui, é se perceber que mesmo o autor de um romance dito abolicionista, numa época em que o país já vivenciava a luta pela liberdade dos negros, manifesta seu preconceito clara e abertamente, numa atitude contraditória. Uma contradição da qual não se dá conta, por não ter, muitas vezes, consciência de seu preconceito.

José do Patrocínio, por exemplo, também abolicionista, apresenta várias alusões ao aspecto animal do escravo. Vejamos a descrição abaixo:

“Era um **caráter nobre** o do preto Domingos. A resignação tornava-lhe simpático o **rosto chato e feio**. Amadureceram-lhe os anos e até certo ponto a própria severidade do seu senhor, o instinto da obediência. Tinha a **fidelidade do cão**, e a **passividade da besta de sela**. Investia contra os que atacavam a casa grande e os brancos, e **resfolegava** e recuava diante do **abismo de perversidade** dos seus parceiros, que muitas vezes tinha-se lhe aberto diante, atraindo-o com suas **sugestões iníquas**.”⁶

Notemos que, embora, o narrador esteja apontando para qualidades do escravo, o léxico empregado oferece uma interpretação negativa. Suas qualidades, a fidelidade e a passividade, estão associadas aos dois melhores amigos do homem, o cão e o cavalo, mas nem por isso são enobrecedoras. Elas são, inclusive, qualidades favoráveis ao outro e não ao próprio sujeito.

A imagem de fidelidade do negro é, em geral, também descrita por analogia a animais domésticos, feras domesticadas que não perdem o natural instinto agressivo. Pode-se argumentar que se trata de simples comparações, mas a insistência no enfoque é tão sistemática e repetitiva que é inevitável relacioná-lo a estereótipos raciais.

No romance *Rei Negro*⁷, de Coelho Neto, a distinção de Macambira, escravo e personagem principal da obra, está no fato de ele não descer ao nível dos seus semelhantes, não sucumbindo às tentações carnavais. Na fala do narrador, Macambira sente vergonha da devassidão de sua gente.

É interessante observar que esta obra foi escrita em 1914, portanto depois da abolição. Uma amostra significativa de que mesmo livres da escravidão, os negros continuaram escravos dos estigmas e preconceitos estabelecidos pela ideologia dominante.

Ainda no campo da sexualidade, temos a questão da relação entre os de raça branca e negra. Na literatura norte-americana, por exemplo, segundo nos informa

⁵ GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1983. p.27.

⁶ PATROCÍNIO, José do. *Motta Coqueiro ou A Pena de Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p.73. Grifo meu.

⁷ NETTO, Coelho. *Rei Negro*. Porto: Livraria Chardron, 1914.

Heloísa Toller Gomes, o contato erótico amoroso entre branco e não branco só se mostra configurado através da ótica da violência ou da perversão, isto é, em situações moralmente condenáveis. Isto porque, ainda segundo Toller Gomes, no conceito de nacionalidade patente na literatura dos Estados Unidos, não se concebe nem como mito um país em que as “raças” se mesquem.⁸

No Brasil, como bem observa a mesma autora, o discurso literário é marcado por contradições internas que sinalizam as contradições sociais. Por exemplo, a maior frequência das relações se dá entre o homem branco e a mulher negra ou mulata, ou seja, o tipo de relação possível é aquele que garante a manutenção da norma social e a ordem escravista, pois filho de escrava é sempre escravo, mesmo quando o pai é o senhor. O inverso é bastante raro.

O que se percebe nesse estudo é que o preconceito está, plenamente, evidenciado nas obras literárias, através da utilização dos estereótipos depreciadores com que os negros são caracterizados; estereótipos que desqualificam tanto o seu aspecto físico, quanto o moral e o psicológico.

MACHADO DE ASSIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Machado nasceu em 1839. O tempo, em sua obra, abrange de 1840 a 1900, período em que se sucederam muitos acontecimentos marcantes e definitivos para história do país: o fim da regência, a maioridade de D. Pedro II, a extinção do tráfico negreiro, a intensificação do movimento abolicionista, a abolição dos escravos, a proclamação da República, a ascendência do café; a criação dos bancos, abertura de estradas, a imigração. Em resumo, um fluxo em movimento rumo a modernidade “civilizadora” européia, embora as idéias continuassem fora de lugar e caracterizadas, sobretudo, pelo horror ao trabalho manual e o culto ao ócio.

A história da sociedade brasileira, no século XIX, está presente na obra de Machado de Assis. Raimundo Faoro, Roberto Schwarz e John Gledson⁹ nos dão conta disso, incontestavelmente. A *Escravidão*, é claro, faz parte desta mesma história. Acreditamos que é possível um aprofundamento nesse campo e é isto o que buscamos fazer nesta pesquisa: sondar mais a fundo a obra do autor, buscando nela a personagem negra e o contexto em que ela se apresenta. Com isso, pretendemos lançar um pouco mais de luz sobre este assunto, e, se possível, contribuir para uma melhor compreensão do posicionamento de Machado de Assis, escritor, a respeito da escravidão, uma realidade do seu tempo.

Um constante argumento apontado pelos críticos de Machado é o fato de o escritor não ter usado sua pena e criatividade para, em suas obras, lançar protestos contra a instituição. O que se afirma é que o autor, envergonhado de sua origem, faz o possível

⁸ GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/EDUERJ, 1994.

⁹ GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.; Schwarz, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.; *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.; FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

para escondê-la, sendo um de seus recursos sequer mencionar o assunto. Negro e mulato não teriam espaço em suas obras.

A este respeito, Afrânio Coutinho, por exemplo, escreve o seguinte:

“O autor de *Helena* foi um caso típico de ressentimento mulato. A sua psicologia de mestiço de origem humilde (...) aparentemente tímido, no fundo era um grande orgulhoso, cujo complexo de superioridade, cuja mágoa, cujo ressentimento, se traduziram pela arte...”¹⁰

David Brookshaw, em *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, é mais um a afirmar o absentismo do escritor. “*Machado é o exemplo clássico do mulato que devotou sua vida para ser aceito acima da linha de comportamento e, por isso, evitou cuidadosamente qualquer referência às suas origens.*”¹¹ Fundamenta sua afirmativa na opinião particular de Joaquim Nabuco, ao criticar José Veríssimo pelo uso do termo mulato no necrológio de Machado.

Obviamente, houve, também, aqueles que buscaram contestar tais afirmativas e o fizeram, apontando alguns de seus escritos, assim como atitudes do homem e do burocrata que Machado de Assis foi. Raimundo Magalhães Júnior, Astrogildo Pereira e Brito Broca são alguns deles. As primeiras afirmativas, porém, são repetidas, mesmo no exterior, com força de verdade.¹²

Concordamos, entretanto, com Heloisa Toller Gomes que classifica o discurso literário de Machado como do tipo que, sem polemizar sobre as questões escravistas e raciais, trazem forte potencial crítico e convidam à reflexão. Para percebê-lo, a autora sugere uma leitura em que se atente para a tríade: narrador, leitor, texto e, também, que se mantenha a “saudável desconfiância em relação a narrador” sugerida por John Gledson.¹³

Para este nosso estudo, fazemos uso desta proposição, mais o conceito de identidade *ipseidade* de Ricoeur, ao que acrescentamos a necessidade de um despir-se de “pré-conceitos” e atentar os ouvidos para os silêncios que se mesclam à narrativa machadiana. Pois o silêncio, já sabemos, não é o vazio da comunicação, mas uma forma desta em si mesma. E esta parece ter sido uma das habilidades do discurso irônico e humorístico de Machado de Assis.

O escravo, negro e mulato estão presentes nos romances, contos e crônicas de Machado, tão verossimilhante quanto estavam na sociedade escravista da época, no seu papel de servir aos senhores, conforme vontade e determinação destes.

Em *Ressurreição* (1872), o primeiro romance de Machado de Assis, o escravo aparece “en passant”. É um moleque que entrega um recado a Felix; o escravo de nome João, na casa de Lívia, que anuncia uma visita; a mucama Clara que cuida do filho da

¹⁰ COUTINHO, Afrânio. “*Machado de Assis e o Problema do Mestiço.*” In: *Revista do Brasil*. N.20, Fev.1940., p. 28.

¹¹ BROOKSHAW, David.. *Raça & Cor na Literatura Brasileira.*, 1983., p. 153.

¹² David Brookshaw, Raymond Sayers e Georgio Marotti, são exemplos do citado.

¹³ GOMES, Heloisa Toller. *As Marcas da Escravidão*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1994., p. 175.

mesma Lúvia; o escravo que percebendo a perturbação de Felix, depois de receber uma carta anônima sobre Lúvia, pergunta-lhe o que sente, sem obter resposta. Nenhuma caracterização, nada, apenas a presença, tal como, pressupomos, era vigente na realidade da sociedade escravista: seres ignorados, cujo movimento só era vislumbrado quando deles se necessitava.

Em “*Helena*”, o romance de 1876, a história gira em torno de um conflito sentimental: a paixão entre dois jovens apresentados como irmãos. Machado, já no início do romance, avisa seu leitor(a) que esta não será uma história de amor idealizada e sentimental, mas a história de uma atração física irresistível entre duas pessoas. Não nos deteremos na história em si, pois o que buscamos nela é a presença da personagem negra. E, embora a escravidão não faça parte desta história, ela está aí fortemente presente. O desenrolar do romance gira em torno de 1850, mas foi escrito em 1876. O que viabiliza uma leitura, como propõe Sidney Chalhoub, considerando a historicidade das duas datas, em razão de que na primeira ocorre a abolição do tráfico negreiro e, próximo à segunda, em 1871, a Lei do Ventre Livre. Segundo o historiador, e concordamos com ele, em *Helena*, “*Machado empreende uma análise extremamente lúcida das relações de dominação vigentes no Antigo Regime*”¹⁴.

Além das discussões entre Helena e Estácio, em que a escravidão é enfocada, temos Vicente, um moleque, cria da casa e “*particularmente estimado pelo Conselheiro*”, enquanto este vivia. Encarregado, por Estácio, de ser pajem de Helena, torna-se “um fiel servidor” da jovem, “seu advogado convicto nos julgamentos da senzala”¹⁵. Vicente não é apresentado como escravo estereotipado, fiel e acomodado; ele ocupa espaço, interfere na ação. Embora secundário, desempenha seu papel de sujeito; cativo, mas com voz.

Memórias Póstumas de Brás Cubas foi o último romance de Machado de Assis escrito antes da Abolição da Escravatura. Nele, está retratado, em grande painel, a sociedade brasileira oitocentista. Uma sociedade conflituosa ante a aspiração de ser moderna, acompanhando os acontecimentos do velho mundo e, ao mesmo tempo, não abrir mão de instituições a que estava habituada, como a escravidão e as relações de dependência.

Sendo parte inerente desta sociedade, a escravidão está explicitamente presente dentro do romance, embora poucos sejam os personagens escravos presentes nele. O que temos de mais interessante, ligado ao tema, é uma visão ambígua e enviesada com que o defunto autor aborda a questão da desigualdade social.¹⁶

Sobre o tráfico negreiro, por exemplo, a ironia se faz brilhante no capítulo CXXIII, em “O Verdadeiro Cotrim”. Trata-se do cunhado de Brás Cubas, com quem este já se desentendera por ocasião da partilha da herança do pai. Segundo o narrador, seu cunhado é uma pessoa de grandes qualidades, é um pai amoroso, um benemérito

¹⁴ CHALHOUB, Sidney. “A História Nas Histórias de Machado de Assis: Uma Interpretação de Helena.” In: *Primeira Versão*. Nº. 33. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991. p. 3 e 26.

¹⁵ ASSIS, Machado de. Op. Cit. p. 44.

¹⁶ Nesse sentido vale a pena conferir a análise brilhante de Roberto Schwarz em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*.

participante de várias associações religiosas, dono de “*um caráter ferozmente honrado... um modelo.*” E aí, somos brindados com um jogo retórico primoroso em que, ao mesmo tempo, Brás Cubas aponta defeitos do cunhado e refuta-os, justificando-o. Acusam-no de avaro, diz o narrador, mas a avareza é apenas a “exageração de uma virtude”, e em se tratando de virtudes, melhor o saldo que o déficit. Outro defeito apontado é o de bárbaro, mas imaginem, argumenta Brás Cubas, apenas porque manda para o calabouço escravos fujões e perversos, que de lá saem a pingar sangue! Não, não, isto é força do hábito do tempo em que contrabandeava escravos. Conseqüência das relações sociais, não pode ser atribuída como índole.¹⁷

O *Vergalho*, capítulo LXVIII, retoma Prudêncio, o moleque de Brás Cubas menino, agora já adulto e liberto. Brás Cubas caminhava, meditando sobre seu relacionamento com Virgínia, quando depara com um ajuntamento, em que um preto vergalha outro. Descobre surpreso, que o negro que chicoteia é o seu antigo moleque. Intercede, então, pedindo pelo escravo, no que é prontamente atendido. Numa demonstração de seu poder e continuação da servilidade do preto que, embora livre, o obedece como quando era escravo: “Senhor manda!”

Num primeiro momento, a cena parece denegrir o escravo, pois expõe a sua crueldade e a falta de consideração para um outro da própria raça. Entretanto, não nos esqueçamos do tom satírico do romance e atentemos para a reflexão que faz Brás Cubas enquanto se afasta da cena: “*Vergalho recebido, vergalho transferido*”; que é um confesso “mea culpa” da personagem, ao perceber que o ex-escravo, com seu proceder, buscava compensar-se das pancadas que recebera no passado.

As considerações do narrador, sobre o caso, terminam apenas no capítulo seguinte, ao qual se liga diretamente. Para fazê-lo, o narrador traz à cena a figura de um doido, Romualdo, que se denominava Tarmelão, e que de tanto tomar tártaro, tornara-se Tártaro. Esta anedota sugere que retomemos a frase usada para a defesa de Cotrim: “*não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.*”¹⁸ Mais do que uma justificativa, o astuto narrador estabelece uma relação de igualdade entre o ex-escravo e seu cunhado. Seja ela no sentido da barbárie ou da inocência.

Como já foi dito, o personagem escravo não ocupa grande espaço dentro do romance. O que está presente é a escravidão e suas implicações numa sociedade em que alguns, pretendendo-se melhores e superiores, arrogam-se o direito de submeter à sua vontade aqueles que não tenham o mesmo status, sejam eles apenas brancos pobres ou negros escravizados. O mais importante, entretanto, a observar é a maneira como, de fora, o “arquiteto das situações narrativas”¹⁹, Machado de Assis, apresenta e discute o problema.

Não apenas estão ausentes os estereótipos como há uma tendência ao paralelismo entre um sujeito e o outro; senhor e escravo são colocados no mesmo eixo comparativo. O discurso é diferente: no lugar do inimigo feroz e vingativo, da vítima algoz ou dos

¹⁷ M.P.B.C., (MEC/INL) p.175.

¹⁸ M.P.B.C., p. 116.

¹⁹ SCHWARZ, Roberto. Op. cit. p. 120.

pobres coitados impotentes diante da coerção, existem pessoas simples, sofridas, subjugadas por uma situação de exceção, mas nem por isso, menores ou piores do que quem os subjuga. Há pura e simplesmente uma exposição de acontecimentos que, envolvendo senhores e escravos, deixa à mostra o quanto era insustentável o discurso da superioridade em razão da diferença.

Não há floreios, nem uso de meias palavras. Machado não transforma o negro em herói ou ser extraordinário, nem o pinta com as cores miseráveis da ideologia dominadora. Ele o apresenta como ser humano que é, sujeito em sua condição de oprimido. Sem fazer apologia, mas de forma sutil, o autor, a seu modo, desnuda a realidade senhorial e revela uma sociedade em que a condição econômica define o indivíduo, determina sua exclusão ou aceitação. Uma sociedade que, sob uma fachada moderna e liberal, oculta as bases do sistema colonial, o escravismo e o clientelismo, como explicita Roberto Schwarz em *Ao Vencedor as Batatas*.²⁰

A crônica foi outro gênero de produção escrita que Machado de Assis exerceu com a habilidade criativa e crítica que lhe era peculiar. E a política parece ter sido o seu tema favorito nesse gênero. Mas, assim como a política, a escravidão também era um tema em pauta.²¹ Irônico e sarcástico, Machado de Assis enfoca os diversos estágios do período abolicionista, as manipulações dos senhores, a violência inerente ao sistema de dominação. Faz isso, ora de forma direta, ora dissimulada, mas preservando um distanciamento crítico e lançando mão dos recursos de estilo que lhe eram comuns.

Isso é perfeitamente observável, por exemplo, na série *Bons Dias*, levantada por John Gledson que, com a disposição e perícia de um investigador empenhado em esclarecer os fatos, rasteou e levantou as relações entre os acontecimentos sociais e políticos da época e a ficção de Machado.

A crônica de quinze de junho de mil oitocentos e setenta e sete, por exemplo, trata de alforria e denuncia a falsa generosidade do senhor que, a pretexto de libertar, abandona, à própria sorte, a escrava que não tem mais condições de trabalho:

“(...)Tinha ele uma escrava de 65 anos, que já lhe havia dado a ganhar sete ou oito vezes o custo. Fez anos e lembrou-se de libertar a escrava... de graça. De graça! Já isto é gentil. Ora, como só a mão direita soube do caso (a esquerda ignorou-o) travou da pena, molhou-a no tinteiro e escreveu uma notícia singela para os jornais, indicando o fato, o nome da preta, o seu nome, o motivo do benefício, e este único comentário: “Ações destas merecem todo o louvor das almas bem formadas.”²²

Cousas da mão direita!

²⁰ SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1981. P.20.

²¹ Ver: MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957; e *Ao Redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

²² ASSIS, Machado de. *Crônicas: 1871-1878*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. Vol.3; p. 230 -

As alforrias espontâneas eram comuns, sobretudo nos últimos anos da escravidão, porém nem sempre o verdadeiro beneficiado era o escravo. O cronista/narrador, distanciando, apresenta os fatos de um ponto de vista senhorial. A libertação do escravo não é apresentada como questão de justiça ou respeito pelo outro, mas sim como gesto magnânimo: a vaidade, transvestida de generosidade, busca colher seus frutos. A ironia demolidora do escritor expõe a hipocrisia do senhor que, além de beneficiar-se, pretende colher alguns louros com isso, fazendo-se passar por caridoso.

A pesquisa possibilitou-nos observar que Machado, nas crônicas, fala muito mais abertamente sobre a escravidão e seus problemas. Em princípio, pensávamos, como John Gledson, que “a garantia do anonimato” fosse a razão de tal ocorrência. Entretanto, encontramos no jornal, “A Semana”, uma nota cujo teor era o seguinte:

“No dia 3 publicou umas deliciosas “balas de estalo” de Lélío. - Cremos que todos já sabem que Lélío é o Sr. Machado de Assis...”²³

Descartada a hipótese inicial, concluímos que a explicação para a diferença de comportamento do escritor estava nas próprias características da crônica, que viabiliza uma maior abertura. Diferentemente do romance, que pede temas envolventes e um universo amplo, a crônica, texto curto e desprezioso, é alimentada pelas notícias pinçadas do próprio jornal. O cronista não inventava os fatos, apenas fazia uso deles, tornando-os mais explícitos e, por vezes, mais evidente o que havia por detrás dos mesmos. A seu modo, Machado de Assis, já dava seus *piparotes* no leitor, buscando “*despertar-lhe a consciência crítica*.”²⁴ E o fazia com a habilidade e os recursos de sempre: de forma oblíqua, dissimulada, irônica, etc...

DEPOIS DA ESCRAVIDÃO...

A escravatura foi abolida e, de repente, a cor **negra** que aparecera, até então, virtualmente como sinônimo de escravo ou liberto (preto forro) e que fora critério de diferenciação social, deixa de ser mencionada nos registros de nascimento, nos arrolamentos e até mesmo nas notícias.²⁵ Os órgãos oficiais, por sua vez, também tomam suas medidas. Vem daí a determinação de queimar os documentos referentes à escravidão. Argumentava-se que, por honra da Pátria e em nome da fraternidade e solidariedade com aqueles que se tornaram cidadãos, era preciso destruir os vestígios dessa triste história.

Mas a história não pode ser apagada a pretexto de encobrir uma vergonha ou poupar a quem quer que seja. Faz parte dela o que Jeanne Marie Gagnebim chamou de

²³ *A Semana*, n.º 6. Rio de Janeiro, 07.02.1885.

²⁴ Ver a “Introdução” de John Gledson em *Bons Dias!*

²⁵ Sobre este assunto ver a tese da Prof. Hebe Maria Mattos de Castro, *A Cor Inexistente: Relações Raciais*.

“*exigência ética de respeito em relação ao sofrimento*”²⁶, isto é, o reconhecimento da impossibilidade de se explicar ou justificar ocorrências como a perseguição e o extermínio de judeus ou a escravização dos da raça negra e, sobretudo, a necessidade fundamental de não calar a história dos “vencidos e dos mortos”. Nesse sentido, Machado de Assis cumpre seu papel.

Falando através do Conselheiro Ayres, afirma:

“Ainda que queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia. A poesia falará dela, particularmente naqueles versos de Heine em que o nosso nome está perpétuo.”²⁷

Na crônica de 13 de maio, quatro anos após a abolição, escreve:

“... A festa de 13 de maio comemorava uma página da história, uma grande, nobre e pacífica revolução, com este pico de ser descoberta uma preta Ana ainda escrava, em uma casa de São Paulo.²⁸ (...) A preta Ana dormiu na escravidão, não sabendo até ontem que estava livre, mas como o sono da escravidão só se prolonga com a dormideira do chicote, a preta Ana, para não acordar e saber casualmente que a liberdade começara, bebia de quando em quando a miraculosa poção...”²⁹

Embora a ironia esteja presente tanto na *grande, nobre e pacífica revolução*, quanto na *dormideira do chicote*, há no texto um tom de ira e desapontamento.

Em 1906, Machado publica o conto *Pai contra Mãe* na primeira edição de *Relíquias de Casa Velha*. Resumindo a história, Candinho é um branco pobre e malsucedido profissionalmente que, conforme o narrador, “*cedeu à pobreza quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos.*” Em certa altura da vida, ele apaixona-se, casa-se e torna-se pai. A miséria ronda sua casa. Na impossibilidade de ter como sustentar o filho, decide levá-lo à Roda de Enjeitados. No caminho, porém, depara-se com uma escrava fugida, cuja captura vale cem mil réis. É a salvação e ele não hesita. Deixa o filho em uma farmácia e parte ao encalço da fugida. Ao ser pega, a escrava implora que a liberte. Argumenta que está grávida e teme pelo filho. Cândido recusa-se a ouvir. Ao entregar a escrava ao proprietário, ela sofre um aborto. Cândido assiste impassível; recebe o dinheiro e parte em busca do filho. Já em casa, enquanto acaricia a criança pensa: “*Nem todas as crianças vingam.*”

²⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas, SP.: Ed. UNICAMP, 1994. p. 77- 78.

²⁷ ASSIS, Machado de. - *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: Garnier, 1988. p. 48. Os versos a que o escritor se refere, segundo Alfredo Bosi, são os do poema *Das Sklavenschiff*, traduzido por Augusto Meyer sob o título de “*O Navio Negro*”.

²⁸ Segundo John Gledson, em notas, *A Gazeta de Notícias* do dia 14 daquele mês e ano, noticiava a descoberta da “infeliz preta de nome Ana, que vivia em casa de sua senhora, quase incomunicável (...) desconhecía a liberdade e ainda sofria”.

²⁹ In: ASSIS, Machado de. *A Semana: Crônicas (1892- 1893)*. SP.: Hucitec, 1996. p. 57.

Nesse conto, vemos apontado, além da escravidão e os seus modos de funcionamento, o sofrimento da classe pobre, membros esquecidos do corpo da sociedade. Parece-nos que a intenção do autor não foi entender ou explicar o passado, mas sim dizer da irresolução dele e do sofrimento que persistia e não podia ser ignorado. A abolição quebrara os grilhões, pendurara as máscaras, aposentara os chicotes, mas não fora capaz de derrubar as barreiras do preconceito e tornar sujeito o ex-escravo.

A escravidão está em muitas das obras de Machado, não como moldura, ou pano de fundo, no desenrolar da narrativa, mas elemento com o qual ela interage. E, conforme já disse Silviano Santiago: “O engajamento de Machado é muito mais profundo e responsável do que o que se pediu arbitrariamente a ele.”³⁰

BIBLIOGRAFIA

Obras de MACHADO DE ASSIS:

Ressurreição. São Paulo: Saraiva, 1971.

A Mão e a Luva. São Paulo: Ática, 1995.

Helena. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984.

Iaiá Garcia. São Paulo: Ática, 1995.

Memórias Póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

Quincas Borba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Dom Casmurro. São Paulo: Ática, 1994.

Esau e Jacó. Ed. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

Memorial de Aires. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

Papeis Avulsos. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

Páginas Recolhidas. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

Relíquias de Casa Velha. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

Crônicas de Lúlio. Org. R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

Crônicas (1858 - 1888). Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1955. Vol. 1, 2 e 3.

Crônicas (1858 - 1888). Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. 4 vol.

Bons Dias! Ed. John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1989.

Crítica Teatral. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

Obra Completa. V. II : Conto e Teatro. Ed. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. 3 vol.

Poesias Completas: Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AGUIAR, Flávio. *A Comédia Nacional no Teatro de J. de Alencar*. São Paulo: Ática, 1984.

ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. São Paulo: Ática, 1994. (12ª edição.)

_____. *As Minas de Prata*. In: *Obras Completas*. Vol. II. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1958.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. De Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1975.

BELO, José Maria. *Retrato de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

³⁰ SANTIAGO, Silviano. “Retórica da Verossimilhança.” In: *Cadernos PUC*. N°. 11. Rio de Janeiro: PUC/CTCH, outubro/1972. p. 1- 17.

- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- _____. [et al.]. *Antologia e Estudos: Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a Política e Outros Estudos*. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1957.
- IANNI, Otávio. *Ensaio de Sociologia da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*. Trad. de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. V.2.
- _____. [Et al.]. *Crônica*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____. & CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Divisão Européia do Livro, 1964. Vol.1 e 2.
- CASTRO, Hebe M. da C. Mattos G. de. *A Cor Inexistente: Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista (Século XIX)*. Niterói: Universidade Fluminense, 1993. (Tese)
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: Uma história das Últimas Décadas da Escravidão na Corte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- _____. A História nas Histórias de Machado de Assis: uma interpretação de Helena. In: Primeira Versão. N.º 31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.
- COHEN, William B. *Français et Africains: les Noirs dans le regard des Blancs 1530-1880*. Traduzido do Inglês por Camille Garnier. Paris: Gallimard, 1981.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). *Obra Crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: MEC/ Casa Ruf Barbosa, 1958.
- _____. "Machado de Assis e o Problema do Mestiço." In: *Revista do Brasil*. N.º. 20. III fase. Rio de Janeiro, Fev. 1940.
- _____. *A Filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940.
- _____. *Machado de Assis na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: São José, 1966.
- DANTAS, Luiz. "Francis de Castelnau e o Relato de um Grupo de Escravos de Salvador da Bahia em 1851. Ou do Caráter Simiesco dos Indesejáveis." *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária. N.º. 12. Campinas: UNICAMP, 1992.
- DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire Littéraire du Brésil*. Paris: Leconte et Durey Libraires, 1826.
- _____. *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur Influence sur la Poésie*. Paris: Louis Janet, 1824.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976.
- FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o Hipopótamo: uma revolução biográfica*. São Paulo: Ed. Fulgor, 1961. 3.ª.ed.
- FREITAS, Décio. *Escravidão Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. *A Guerra dos Escravos*. Porto Alegre: Graal, 1982.

- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
 _____. *Machado de Assis: Impostura e Realismo - Uma reinterpretação de D. Casmurro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- GOMES, Heloisa Toller. **Marcas da Escravidão: O Negro e o Discurso Oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Ed. URFJ/ ADUERJ, 1994.
 _____. **O Negro e o Romantismo Brasileiro**. São Paulo: Atual, 1988.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. São Paulo: Ática, 1983.
 _____. Uma História de Quilombolas. In. **Lendas e Romances** São Paulo: Martins, 1871.
- HOFFMANN, Léon-François. **Le Nègre Romantique: personnage littéraire et obsession collective**. Paris: Payot, 1973.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1976.
- MACEDO, J. Manuel de. **As Vítimas Algozes: Quadros da Escravidão**. Rio de Janeiro: Garnier, 1869.
 _____. **A Moreninha**. São Paulo: Ática, 1971. (1ª. ed. 1844).
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Machado de Assis Desconhecido** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.
 _____. **Ao Redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1958.
 _____. **Martins Pena e sua Época**. São Paulo: Lisa/MEC, 1971.
 _____. **Vida e Obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL., 1981. V. 3.
- MAROTTI, Giorgio. **Il Negro Nel Romanzo Brasiliano**. Roma: Bulzoni ed., 1982.
- MASSA, Jean-Michel. **A Juventude de Machado de Assis: 1839 - 1870 (Ensaio de Uma Biografia)**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1971.
 _____. "La Bibliothèque de Machado de Assis". In. **Revista do Livro**. Nº. 21-22. Rio de Janeiro: INL/MEC, Março/junho, 1961. Ano VI.
- MAYA, Alcides. **Machado de Assis: Algumas Notas sobre o Humor**. Rio de Janeiro: Jacintho Silva, 1912.
- MERCIER, Roger. **L'Afrique Noire dans la Littérature Française: Les Premières Images XVII et XVIII Siècles**. Dakar: Publ. de La Section de Langues et Littératures, 1962.
- MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Simões, 1952.
- MONTEIRO, John. **Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas Origens de São Paulo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- NETTO, Coelho. **Rei Negro: Romance Bárbaro**. Porto: Livraria Chardron, 1914. 1ª. ed.
- PATROCÍNIO, José do. **Mota Coqueiro ou a Pena de Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves/ Instituto do Livro, 1977.
 _____. **Os Retirantes**. São Paulo: Ed. Três, 1973. (2 vol.)

- PEREIRA, Astrogildo. **Machado de Assis: Ensaios e Apontamentos Avulsos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção (1870-1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1988.
- _____. **Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1988
- _____. **A Leitora e seus Personagens**. Rio de Janeiro: Graphia Editorias, 1982.
- PEREGRINO JÚNIOR. **Machado de Assis**. Salvador: Publ. da Universidade da Bahia, 1959.
- PONTES, Eloy. **A Vida Contraditória de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- PUCCINELLI, Eni Orlandi. **As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- _____. **Machado de Assis: Conferências**. São Paulo: Sociedade de Cultura Artística, 1917.
- RICOEUR, Paul. "L'Identité Narrative". In: **Revue des Sciences Humaines**. N^o. 221. Paris, Janvier - Mars, 1991.
- SANTIAGO, Silviano. "Retórica da Verossimilhança." In: **Cadernos PUC**. N^o. 11. Rio de Janeiro: PUC/CTCH, outubro/1972.
- SAYERS, Raymond S. **O Negro na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1958.
- SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987. (1^a.reimpressão: 1989)
- _____. **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Duas cidades, 1981. 2^a. ed.
- _____. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- _____. "O Sentido Histórico da Crueldade em Machado de Assis." In: **Novos Estudos**. N^o. 17. São Paulo: CEBRAP, maio/1987.
- SOUZA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: LN.L,1955.
- TODOROV, Tzvetan. **Os Gêneros do Discurso**. Trad. Elisa A. Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- _____. **Nós e os Outros: Reflexão Francesa sobre a diversidade humana**. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.